

Rachel Cusk

# A Contraluz

Tradução de Ana Matoso



QUETZAL serpente emplumada | Rachel Cusk



ANTES DO VOO, FUI CONVIDADA PARA ALMOÇAR num clube londrino com um milionário que me haviam prometido ter credenciais liberais. Vestindo uma camisa sem gravata, falou do novo *software* que estava a desenvolver, que poderia ajudar as diversas organizações a identificar os empregados com maiores probabilidades de os vir a roubar e a trair no futuro. O nosso encontro deveria servir para discutirmos uma revista literária que ele estava a pensar criar: infelizmente, tive de sair antes de chegarmos a esse tópico. Ele insistiu em pagar um táxi até ao aeroporto, o que era oportuno, uma vez que eu já estava atrasada e trazia uma mala pesada.

O milionário mostrara-se determinado em fornecer-me os contornos da história da sua vida, que começara de uma forma um tanto anódina e acabara por transformá-lo — obviamente — naquele homem descontraído, abastado, que hoje se encontrava sentado à minha frente do outro lado da mesa. Perguntei-me se o que ele agora pretendia não seria, na verdade, tornar-se um escritor, com a revista literária servindo como pretexto para a sua *entrée*. Há muita gente que quer ser escritor: não havia nenhuma razão para pensar que era impossível comprar um bilhete de entrada para aquele mundo. Este

homem comprara a sua entrada para uma grande variedade de coisas, e a sua saída também. Ele mencionou um esquema em que se encontrava então a trabalhar, para erradicar os advogados da vida privada das pessoas. Estava igualmente a desenvolver um projeto para um parque eólico flutuante com dimensões suficientes para acomodar todo o conjunto de pessoas exigidas para a sua manutenção e o seu funcionamento: a plataforma gigantesca podia ficar localizada bem ao largo no mar, removendo assim as inestéticas turbinas da linha costeira, a partir de onde ele esperava dirigir o projeto, e onde, por sinal, possuía também uma casa. Aos domingos tocava bateria numa banda de rock, apenas por diversão. Estava à espera do seu primeiro filho, o que não era tão mau como parecia, se levássemos em conta que ele e a mulher tinham anteriormente adotado quadrigêmeos da Guatemala. Eu estava a ter dificuldade em assimilar tudo o que me estava a ser relatado. As empregadas continuavam a trazer mais coisas, ostras, iguarias, vinhos especiais. Ele facilmente se distraía, como uma criança que recebeu demasiados presentes de Natal. Mas, quando me pôs no táxi, disse: divirta-se em Atenas, embora eu não me recordasse de lhe ter dito que era para lá que me dirigia.

No asfalto de Heathrow, o avião apinhado de pessoas aguardava silenciosamente ser levado para o ar. A assistente de bordo estava de pé, no corredor, e fazia a sua mímica, acompanhada pelos seus adereços, à medida que a gravação se ia fazendo ouvir. Nós estávamos amarrados aos nossos lugares, um grupo de estranhos, num silêncio semelhante ao silêncio de uma congregação enquanto é lida a liturgia. Ela mostrou-nos o colete de salvação com o seu pequeno apito, as saídas de emergência, a máscara de oxigénio pendendo de um tubo transparente. Conduziu-nos através da possibilidade da morte e do

desastre, tal como o padre conduz a congregação através dos pormenores do purgatório e do inferno; e ninguém desatou a fugir enquanto ainda era tempo. Pelo contrário, ouvimos, ou ouvimos parcialmente, pensando noutras coisas, como se alguma resiliência particular nos tivesse sido outorgada por meio desta conjugação de formalidade e desgraça. Quando a voz da gravação chegou àquela parte sobre as máscaras de oxigénio, o silêncio manteve-se inalterável: ninguém protestou ou se resolveu a falar para discordar desta ordem de que devíamos cuidar dos outros apenas depois de cuidar de nós mesmos. Porém, eu não estava segura de que isso fosse inteiramente verdade.

De um dos lados estava sentado um rapaz de pele escura, baloiçando os joelhos, e cujos polegares rechonchudos se moviam velozmente pelo ecrã de uma consola de jogos. No outro, estava um homem de baixa estatura, envergando um fato de linho claro, bastante bronzeado, com um tufo de cabelo prateado. Lá fora, a túrgida tarde de verão repousava, parada, sobre a pista; pequenos veículos de aeroporto percorriam velozmente, sem constrangimentos, as distâncias planas, deslizando e virando e fazendo círculos como brinquedos, e mais longe ainda podia ver-se a fita prateada da autoestrada que serpenteava e brilhava como as águas de um regato delimitado pelos campos monótonos. O avião começou a mover-se pesada e lentamente para a frente e a perspetiva pareceu assim sair daquele estado de imobilidade para ser posta em movimento, passando do outro lado da janela, primeiro lentamente e depois mais depressa, até sermos invadidos pela sensação do avião a descolar com dificuldade e meio hesitante, à medida que se ia desligando da terra. Houve um instante em que pareceu impossível que isto pudesse acontecer. Mas depois aconteceu.

O homem à minha direita virou-se e perguntou-me o motivo da minha visita a Atenas. Respondi-lhe que ia para lá em trabalho.

— Espero que fique instalada perto de água — disse ele. — Vai estar muito calor em Atenas.

Eu disse que julgava que não seria esse o caso, e ele ergueu as sobrancelhas, que eram brancas e estavam implantadas na sua testa de forma inesperadamente rude e selvagem, como ervas crescendo num local pedregoso. Foi esta marca de excentricidade que me levava a responder-lhe. Às vezes o inesperado parece ser um incitamento do destino.

— Este ano o calor chegou cedo — observou ele. — Normalmente estamos a salvo até bem mais tarde. Pode ser muito desagradável se não estivermos habituados a ele.

Na cabina, que vibrava fortemente, as luzes tremeluziam intermitentemente; ouvia-se o som das portas abrindo e batendo, e barulhos terrivelmente estrepitosos, e as pessoas mexiam-se, conversavam, levantavam-se. Ouvia-se a voz de um homem a falar pelo intercomunicador; pairava um cheiro a café e a comida; as assistentes de bordo percorriam, determinadas, o estreito corredor atapetado, para cima e para baixo, e as suas meias de nylon produziam um som roçagante ao passarem por nós. O meu vizinho disse-me que fazia esta viagem uma vez ou duas por mês. Anteriormente tinha um apartamento em Londres, em Mayfair, mas «nos dias que correm», comentou ele com um jeito despreocupado, «prefiro ficar em Dorchester».

Exprimia-se num inglês requintado e formal que não parecia inteiramente natural, como se num determinado momento lhe tivesse sido aplicado com um pincel, como se fora uma tinta. Perguntei-lhe de que nacionalidade era.

— Fui enviado para um colégio interno inglês aos sete anos de idade — retorquiu ele. — Poder-se-ia dizer que tenho os maneirismos de um inglês mas o coração de um grego. Dizem-me — acrescentou — que seria muito pior se fosse o contrário.

Os seus pais eram gregos, continuou, mas numa dada altura haviam deslocado a família inteira — eles próprios, quatro filhos, os respetivos pais e uma série de tios e tias — instalando-se todos em Londres, e haviam começado a comportar-se ao estilo das classes altas inglesas, enviando os quatro rapazes para colégios internos e fixando-se numa casa que se veio a tornar um fórum para relações sociais vantajosas, com um fluxo inesgotável de aristocratas, políticos e fazedores de dinheiro entrando-lhes pela porta dentro. Perguntei como é que tinham conseguido aceder a esse meio estrangeiro, e ele encolheu os ombros.

— O dinheiro é um país por direito próprio — respondeu. — Os meus pais eram armadores; o negócio de família era um empreendimento internacional, embora tivéssemos vivido até então na pequena ilha onde ambos tinham nascido, uma ilha da qual você não terá certamente ouvido falar, apesar da sua proximidade com alguns destinos turísticos bem conhecidos.

Proximidade, sugeri eu. Acho que quis dizer proximidade.

— Perdoe-me — disse ele. — Queria dizer, evidentemente, proximidade.

Mas, como todas as pessoas abastadas, prosseguiu ele, havia muito que os pais tinham suplantado as suas origens e passado a mover-se num círculo desprovido de fronteiras e habitado por outras pessoas com posses e estatuto. Mantiveram, evidentemente, uma casa luxuosa na ilha, que continuou

a ser a sua residência familiar enquanto as crianças eram ainda pequenas; todavia, quando chegou a altura de enviar os filhos para a escola, mudaram-se para Inglaterra, onde tinham muitos contactos, incluindo alguns que, disse ele visivelmente orgulhoso, os colocaram, pelo menos, na periferia do Palácio de Buckingham.

A sua família havia sido desde sempre a família preeminente da ilha: dois ramos da aristocracia local uniram-se através do casamento dos pais e, além disso, tinham-se consolidado duas fortunas de armadores. Mas a cultura local era invulgar na medida em que era matriarcal. Eram as mulheres, e não os homens, quem detinha a autoridade; a propriedade não era passada de pai para filho mas de mãe para filha. Isto, afirmou o meu vizinho, gerou tensões familiares que eram o anverso daquelas com que ele se deparou à sua chegada a Inglaterra. No mundo da sua infância, um filho constituía já uma desilusão; ele próprio, o último de uma longa sucessão de tais desilusões, era tratado com uma ambivalência particular, na medida em que a sua mãe desejava convencer-se de que ele era uma rapariga. O seu cabelo era penteado em longos caracóis; vestiam-no com roupas de menina e tratavam-no pelo nome feminino que os pais haviam escolhido, na expectativa de por fim serem agraciados com uma herdeira. Esta situação invulgar, disse o meu vizinho, vinha de longe. Desde a sua história mais antiga, a economia da ilha girara em torno da extração de esponjas do leito do mar, e os jovens da comunidade tinham adquirido a habilidade de mergulhar em profundidade no mar. Mas era uma ocupação perigosa e por conseguinte a sua esperança de vida era extraordinariamente baixa. Neste estado de coisas, devido à morte sucessiva de maridos, as mulheres haviam assumido o controlo dos assuntos financeiros e, mais ainda, haviam passado esse controlo às filhas.

— É difícil — afirmou ele — imaginar o mundo tal como era nos tempos de apogeu dos meus pais, nalguns sentidos tão agradáveis e noutros tão duros. Por exemplo, os meus pais tiveram um quinto filho, também um rapaz, cujo cérebro sofreu lesões ao nascer, e quando a família se mudou, eles pura e simplesmente deixaram-no na ilha, aos cuidados de uma sucessão de enfermeiras cujas habilitações — naqueles tempos e àquela distância — ninguém se preocupou em apurar.

Ele ainda ali vivia, um homem envelhecendo com a mente de uma criança, incapaz, obviamente, de contar o seu lado da história. Entretanto o meu vizinho e os seus irmãos penetraram nas águas geladas do ensino público inglês, aprendendo a pensar e a falar como rapazes ingleses. Os caracóis do meu vizinho foram aparados, para seu grande alívio, e pela primeira vez na vida experimentou a crueldade, e, com esta, determinados modos inéditos de infelicidade: solidão, saudade de casa, o anseio pela mãe e pelo pai. Vasculhou o bolso de dentro do casaco e retirou dele uma carteira de pele preta, de onde extraiu uma fotografia a preto e branco amarrotada dos seus pais: um homem de porte rigidamente ereto envergando uma espécie de casaca abotoada até ao pescoço, cujos cabelos divididos por uma risca, as espessas sobrancelhas retas e o grande bigode encaracolado eram de tal forma negros que lhe conferiam uma aparência de extraordinária ferocidade; e, ao seu lado, uma mulher com uma expressão pouco sorridente na cara tão redonda e dura e imperscrutável como uma moeda. A fotografia fora tirada nos últimos anos da década de trinta do século vinte, disse o meu vizinho, antes de ele mesmo ter nascido. Contudo, o casamento era já infeliz, sendo a ferocidade do pai e a intransigência da mãe mais do que cosmética. Travaram entre si uma batalha de vontades formidável, em que ninguém

jamais consegui separar os combatentes; exceto, por pouco tempo, quando eles morreram. Mas isso, acrescentou ele com um leve sorriso, é outra história.

Durante todo este tempo, a assistente de bordo avançara lentamente pelo corredor, empurrando um carrinho de metal do qual ia distribuindo tabuleiros de plástico com comida e bebidas. Chegara agora à nossa fila: passou-nos os tabuleiros brancos de plástico, e eu ofereci um ao rapaz à minha esquerda, o qual levantou silenciosamente a sua consola de jogos com ambas as mãos de modo a que eu pudesse pousar o tabuleiro na mesa aberta à sua frente. O meu vizinho da direita e eu levantámos os tampos das nossas, de modo a que o chá pudesse ser servido nas chávenas brancas de plástico que acompanhavam o tabuleiro. Ele começou então a fazer-me perguntas, como se tivesse aprendido a lembrar-se de o fazer, e eu perguntei-me o quê ou quem lhe teria ensinado essa lição, que muitas pessoas nunca chegam a aprender. Respondi-lhe que vivia em Londres, e tinha muito recentemente mudado da casa de campo onde vivera sozinha com os meus filhos nos últimos três anos, e onde nos sete anos anteriores vivêramos com o pai deles. Fora, por outras palavras, a nossa casa de família, e eu continuara ali para vê-la transformar-se no túmulo de alguma coisa que eu decididamente já não conseguia definir como uma ilusão ou uma realidade.

Houve uma pausa em que bebemos o nosso chá e comemos as bolachinhas com a consistência de bolo que o acompanhavam. Através das janelas via-se uma quase-escuridão violácea. Os motores roncavam com um ruído uniforme. O interior do avião tornara-se também mais escuro, atravessado por raios dos focos sobre as cabeças das pessoas. Era difícil perscrutar o rosto do meu vizinho do lugar ao lado, mas naquela

escuridão de luz infletida ele tornara-se uma paisagem de picos e fendas, de cujo centro se elevava o nariz acentuadamente aquilino, lançando ravinas de sombra em ambos os lados de modo que eu mal conseguia entrever os seus olhos. Os lábios eram finos e a boca grande e ligeiramente entreaberta; a zona entre o nariz e o lábio superior era longa e carnuda, e ele tocava nela com frequência, por isso até mesmo quando sorria os seus dentes permaneciam ocultos. Era impossível, disse eu em resposta à sua pergunta, explicar porque terminara o casamento: entre outras coisas, um casamento é um sistema de crença, uma história, e, embora ele se manifeste em coisas que são suficientemente reais, o impulso que o comanda é, em última análise, misterioso. O que era real, afinal de contas, era a perda da casa, que se tornara a localização geográfica de coisas que se tinham tornado ausentes e que representavam, supunha eu, a esperança de que elas um dia poderiam regressar. Sair da casa era, de certa maneira, declarar que tínhamos deixado de esperar; já não nos podiam encontrar no número habitual, na morada habitual. O meu filho mais novo, contei-lhe eu, tem o irritante hábito de abandonar imediatamente o local onde combinámos encontrar-nos, se não estamos lá quando ele chega. Ao invés, vai à nossa procura, e fica frustrado e perdido. Não consegui encontrar-te!, exclama ele mais tarde, invariavelmente ressentido. Mas a única hipótese de encontrar qualquer coisa é ficar exatamente onde estamos, no local combinado. O que está em causa é simplesmente quanto tempo conseguimos aguentar a espera.

— O meu primeiro casamento — retorquiu o meu vizinho, depois de uma pausa — parece-me muitas vezes ter terminado pela razão mais tola que pode haver. Quando era rapaz, costumava observar as carroças regressando dos campos,

de tal modo carregadas de feno que parecia um milagre não se voltarem. Elas subiam e desciam aos solavancos e baloiçavam perigosamente para os lados, mas, surpreendentemente, nunca cediam ou tombavam. E depois, um dia, vi-o com os meus próprios olhos, a carroça virada de lado, o feno espalhado por toda a parte, as pessoas a correr à volta gritando. Perguntei o que se passara e o homem contou-me que tinham batido contra uma saliência na estrada. Lembrei-me sempre disso — disse ele — quão inevitável parecia e porém o quão tolo. E aconteceu o mesmo com a minha primeira mulher e eu — acrescentou: — Batemos contra uma saliência na estrada, e assim tombámos nós.

Fora, apercebia-se ele agora, uma relação feliz, a mais harmoniosa da sua vida. Ele e a mulher tinham-se conhecido e ficado noivos quando eram ainda adolescentes; nunca tinham discutido, até à discussão em que tudo entre eles ruíra. Tinham dois filhos e haviam acumulado uma riqueza considerável: possuíam uma grande casa nos arredores de Atenas, um apartamento em Londres, uma casa em Genebra; tinham cavalos e férias de esqui e um iate com doze metros ancorado nas águas do Egeu. Eram ambos ainda suficientemente jovens para acreditarem que este princípio de crescimento era exponencial; que a vida era unicamente expansiva, e foram partindo sucessivamente os vasos nos quais tentamos conter a vida na sua necessidade de se expandir mais e mais. Após a discussão, relutante em sair definitivamente da casa, o meu vizinho foi viver para o iate que estava amarrado no seu ancoradouro. Era verão e o iate era luxuoso; ele podia nadar, e pescar, e convidar amigos. Durante algumas semanas, viveu num estado de pura ilusão que não era mais, na realidade, do que um torpor, como

aquele torpor que se segue a um ferimento, antes de a dor começar a introduzir-se lenta mas inexoravelmente, achando um caminho através do denso nevoeiro analgésico. O tempo piorou; o iate tornou-se frio e desconfortável. O pai da sua mulher convocou-o para um encontro no qual lhe foi pedido para abdicar de quaisquer direitos que tivesse sobre os seus bens em comum, e ele concordou. Pensou que podia dar-se ao luxo de ser generoso, que iria conseguir recuperar tudo novamente. Tinha trinta e seis anos e sentia ainda a pujança do crescimento exponencial a correr-lhe nas veias, da vida debatendo-se para irromper até transbordar do vaso no qual estivera contida. Ele podia alcançar tudo novamente, com a diferença de que desta vez iria desejar aquilo que teria.

— Embora tenha feito a descoberta — disse ele, tocando no seu lábio superior carnudo — de que isso é mais difícil do que parece.

Tudo isto, evidentemente, não aconteceu como ele imaginara. A saliência na estrada não viera perturbar somente o seu casamento; forçara-o também a desviar-se para uma estrada inteiramente diferente, uma estrada que não era mais do que um longo desvio sem direção, uma estrada onde ele não tinha verdadeiramente direito a estar e que ainda hoje lhe parecia estar a percorrer. À semelhança daquele ponto solto cuja consequência é levar a peça de vestuário a desfiar-se de cima a baixo, era difícil reconstituir esta cadeia de acontecimentos até identificar a sua falha original. Porém, estes acontecimentos haviam constituído a maior parte da sua vida de adulto. Já tinham decorrido praticamente trinta anos desde o fim do seu primeiro casamento, e quanto mais ele se afastava dessa vida, mais real ela se tornava para si. Ou não exatamente real, corrigiu ele — o que acontecera desde então fora suficientemente

real. A palavra de que andava à procura era autêntico: o seu primeiro casamento tinha sido autêntico de um modo que a seguir nada mais o conseguira ser. Quanto mais velho ficava, mais aquele casamento representava para si uma espécie de casa, um lugar para o qual ansiava regressar. Embora nos momentos em que o recordava com honestidade, sem o embelezar, e particularmente quando falava realmente com a sua primeira mulher — o que nos dias de hoje acontecia raramente —, aquelas antigas sensações de constrição o acometessem novamente. Ainda assim, parecia-lhe agora que a sua vida fora vivida quase de uma forma inconsciente, que ele se havia perdido nela, fora absorvido por ela, tal como se pode ficar absorvido por um livro, acreditando nos seus acontecimentos e vivendo inteiramente através e na companhia das suas personagens. Nunca mais desde então ele fora capaz de ficar absorvido por si mesmo; nunca mais fora capaz de acreditar daquela forma. Talvez fosse isso — a perda da crença — o que constituía o seu anseio pela antiga vida. O que quer que ela fosse, ele e a sua mulher tinham construído coisas que haviam florescido, juntos tinham expandido a soma daquilo que eles eram e do que possuíam; a vida havia-lhes respondido com boa-vontade, tratara-os com prodigalidade, e isto — conseguia perceber agora — era o que lhe proporcionara a confiança necessária para romper com tudo, romper com o que agora lhe parecia ser uma extraordinária displicência, pois ele pensava que haveria mais.

Mais o quê?, perguntei.

— Mais... mais vida — disse ele, abrindo as mãos num gesto de acolhimento. — E mais afeto — acrescentou, após uma pausa. — Eu queria mais afeto.

Voltou a pôr a fotografia dos pais dentro da carteira. Nas janelas viam-se agora trevas. No interior da cabine, as pessoas

liam, dormiam, conversavam. Um homem com uns calções compridos e largueirões andava de um lado para o outro, ao longo do corredor, embalando um bebé ao ombro. O avião parecia parado, quase imóvel; havia uma comunicação tão ténue entre o interior e o exterior, uma fricção tão ténue, que se tornava difícil acreditar que estávamos a mover-nos para a frente. A luz elétrica, com a escuridão absoluta lá fora, fazia com que as pessoas parecessem muito corpóreas e reais, os seus pormenores tão imediatamente perceptíveis, tão impessoais, tão infinitos. Sempre que o homem com o bebé ao ombro passava por mim, eu reparava na rede de vincos nos seus calções, nos braços sardentos cobertos de uma espessa penugem arruivada, na pele que se acumulava na barriga e que a t-shirt subida punha à vista, e nos pezinhos ternos e engelhados do bebé montado sobre o seu ombro, nas pequenas costas curvadas, na cabeça macia com a sua espiral primitiva de cabelo.

O meu vizinho voltou-se novamente para mim e perguntou-me que tipo de trabalho me levava a Atenas. Pela segunda vez, senti o empenho consciente da sua indagação, como se ele se tivesse treinado a si mesmo para recuperar os objetos que se evadiam do seu alcance. Recordei o modo como os meus filhos, quando eram ainda bebés, deixavam cair deliberadamente as coisas do alto das suas cadeirinhas para as ficarem a observar enquanto caíam no chão, para eles uma atividade tão encantadora quanto as suas consequências eram assustadoras. Ficavam a olhar fixamente para baixo, para a coisa caída no chão — uma tosta meio comida ou uma bola de plástico — e tornavam-se cada vez mais agitados diante da incapacidade de aquele objeto regressar por si às suas mãos. Acabavam por começar a chorar e normalmente descobriam que o objeto caído regressava para eles por essa via. Nunca deixou de me surpreender que a reação deles perante esta cadeia

de acontecimentos fosse repeti-la: mal o objeto se encontrava nas suas mãos, deixavam-no cair outra vez, inclinando-se para o ver a cair. O seu prazer nunca diminuía, nem tão-pouco a sua angústia. Eu achava sempre que a determinada altura eles iriam compreender que a sua angústia era desnecessária e que iriam optar por a evitar, mas eles nunca a evitavam. A memória do sofrimento não tinha qualquer efeito sobre o que elegiam fazer: pelo contrário, compelia-os à repetição, pois o sofrimento era o toque de mágica que fazia com que o objeto voltasse a eles e permitia que o prazer de o deixar cair novamente fosse possível. Tivesse eu recusado devolvê-lo na primeira vez que o deixaram cair, julgo que eles teriam aprendido alguma coisa muito diferente, embora não estivesse certa do que tal poderia ser.

Disse-lhe que era uma escritora e que ia ficar em Atenas alguns dias para dar umas aulas num curso de verão. O curso intitulava-se «Como Escrever»: havia diferentes escritores a dar aulas e, uma vez que não existe um só modo de escrever, depreendia que iríamos dar conselhos contraditórios aos estudantes. Estes eram na maioria gregos, tinham-me informado, embora no que respeitava a este curso os alunos deveriam escrever em inglês. Havia outras pessoas que se mostravam cétricas em relação a esta ideia, mas eu não conseguia ver nada de errado com ela. Eles poderiam escrever na língua que quisessem: não me fazia qualquer diferença. Por vezes, disse eu, a perda motivada pela transição tornava-se o ganho da simplicidade. Ensinar era só uma forma de ganhar a vida, prossegui eu. Mas tinha alguns amigos em Atenas com os quais iria provavelmente encontrar-me enquanto ali estivesse.

Uma escritora, observou o meu vizinho, inclinando a cabeça num gesto que poderia ter transmitido tanto respeito pela profissão como uma total ignorância dela. Tinha reparado,